



A GRAMÁTICA SOCIAL DA DESIGUALDADE BRASILEIRA: Procurando entender o porquê de sermos tão desiguais?

Jeane Odete Freire dos Santos Cavalcanti

jeaneodete@iesp.edu.br

Wellington Cavalcanti de Araújo

wellington.araujo@iesp.edu.br

RESUMO

Buscando compreender varias questões sociais, as quais somos submetidos e que em sua maioria não escolhemos estar, mais simplesmente estamos inseridos, surge a inquietação sobre as questões das desigualdades sociais e ainda entender como entender os conceitos que envolvem este tema. Assim, fazendo um apanhado em Jessé Souza, nos deparamos com muitos textos sobre o assunto, fizemos então uma reflexão no texto “A Gramática Social de Desigualdade Brasileira”. No contexto fica claro que o conceito de desigualdade vai muito mais além do que a desigualdade econômica, mas se refere também a desigualdades de escolaridade, de gênero, de oportunidades, de raça etc. Também nos debruçamos em textos de Aldaíza Sposat e Isabel Cavalcante Godinho para fortalecer a fundamentação sobre o assunto e rapidamente percebemos o quanto está enraizado em nossa sociedade as questões de pobreza e riqueza, naturalmente as diferenças são estabelecidas trazendo assim vastas conseqüências e rótulos sociais que atrapalham muito o crescimento social. Buscar meios de redução da pobreza em nosso País torna-se algo mais que relevante para minimizar as mazelas sociais que todas as diferenças proporcionam a nossa sociedade.

Palavras-chaves: Desigualdade social, diferenças, pobreza, Gramática social

ABSTRACT

Trying to understand various social issues, which are submitted and which mostly do not choose to be, most are simply inserted rise to concern on the issues of social inequality and also understand how to understand the concepts surrounding this subject. So doing a roundup in Jesse Souza, we face many texts on the subject, so we made a reflection on the text "The Social Grammar Brazilian inequality." In the context it is clear that the concept of inequality goes much further than economic inequality, but also refers to educational inequalities, gender, opportunities, race etc. Also we worked through in Aldaíza Sposat texts and Isabel



Cavalcante Godinho to strengthen the foundation on the subject and quickly realized how much is rooted in our society the wealth and poverty issues, of course the differences are established thus bringing vast consequences and social labels that plague very social growth. Search poverty reduction means in our country becomes something more than relevant to minimize the social ills that all differences provide our society.

Keywords: Social inequality, differences, poverty, social Grammar

1 INTRODUÇÃO

Busca-se no presente trabalho fazer uma relação sobre o texto estudado em Jessé Souza no Livro “A Invisibilidade da desigualdade Brasileira”, a partir do qual nos chama a atenção de olhar com mais intensidade para uma situação tão comum e conhecida de nossa realidade que é a desigualdade. E neste contexto, desde que nascemos ouvimos falar sobre esse assunto e o que chama mais atenção é perceber que por mais abordado e mais repreendido que seja há em nossa sociedade desigualdades para todos os lados: gênero, raça, econômico, etc.

O conceito de desigualdade social é um guarda-chuva que compreende diversos tipos de desigualdades, desde desigualdade de oportunidade, resultado, etc., até desigualdade de escolaridade, de renda, de gênero, etc. De modo geral, a desigualdade econômica – a mais conhecida – é chamada imprecisamente de desigualdade social, dada pela distribuição desigual de renda.

Segundo o “Relatório da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), mostra o Brasil como país que apresentou sinais promissores de redução das desigualdades sociais, juntamente com Peru, México, Argentina e Chile. Apesar dos bons resultados, a América Latina continua entre as regiões com a maior disparidade entre ricos e pobres do mundo”. (GARCIA, 2015, § 1)

Para Souza (2004) o paradigma dominante nas ciências sociais do século XX considera o subdesenvolvimento do Brasil a partir das noções de personalismo, familismo e patrimonialismo fundamentando a idéia de sociedade pré-moderna. As mazelas sociais de países periféricos como o Brasil seriam conseqüências dessa expansão pré-moderna de modelos familísticos para todas as esferas sociais.



Entender as referidas “mazelas sociais ditas por Jessé Souza” alerta para as conseqüências não de uma expansão pré-moderna, mas de conseqüente produção de subcidadão trazidos pela modernização. Assim SOUZA (2004, p. 79-80) afirma:

Pretendo demonstrar como a naturalização da desigualdade social e a conseqüente produção de "subcidadãos" como um fenômeno de massa em países periféricos de modernização recente como o Brasil, pode ser mais adequadamente percebida como conseqüência, não de uma suposta herança pré-moderna e personalista, mas precisamente do fato contrário, ou seja, como resultante de um efetivo processo de modernização de grandes proporções que se implanta paulatinamente no país a partir de inícios do século XIX.

Nesse sentido, meu argumento implica que nossa desigualdade e sua naturalização na vida cotidiana é moderna posto que vinculada à eficácia de valores e instituições modernas a partir de sua bem-sucedida importação "de fora para dentro". Assim, ao contrário de ser "personalista", ela retira sua eficácia da "impessoalidade" típica dos valores e instituições modernas. É isso que a faz tão opaca e de tão difícil percepção na vida cotidiana.

Neste contexto de compreender a construção e ou conformação das desigualdades sociais em nosso País, Jessé Souza (2004) se refere a duas dificuldades teóricas:

- 1) reconstruir a configuração valorativa subjacente ao racionalismo ocidental ao seu ancoramento institucional, ou seja, reconstruir uma versão sociocultural do tema marxista da "ideologia espontânea do capitalismo";
- 2) refletir acerca de sua aplicação no contexto da "modernidade periférica"

Com isso o autor diz que “Para avançar em direção a uma concepção alternativa acerca da lógica implícita ao funcionamento dessas instituições, portanto, é necessário reconstruir o que gostaria de chamar, lembrando Karl Marx, de “ideologia espontânea do capitalismo” (SOUZA, 2004, p. 81)

Essa ideologia reflete o que entendemos chamar de obvio automatizado, onde temos como exemplo do próprio autor, que como não nos questionamos mais sobre a ação da gravidade, apenas agimos de acordo com ela, assim, se coloca o imperativo do Estado e do mercado, aos quais somos modelados a seguir sem questionar. E nisso, observamos no nosso próprio cotidiano o quanto somos acostumados a ver, sentir e agir com desigualdade e na naturalidade relevamos desigualdade apenas como diferença entre pobreza e riqueza. E onde estão o porquê de sempre regularmos o que pode ser direito e ou dever de pobres, de brancos,



de negros, de heterossexuais, de homossexuais, de homens, de mulheres, de idosos, de crianças e, etc.?

Como nos detalhar em cada tipo de desigualdade aqui observada nos seria necessário aprofundamento extremo, nos deteremos aqui a observar e a considerar o que é mais considerado rotineiramente, a pobreza.

2 COMPREENSÃO SOBRE POBREZA

A globalização exige estarmos atentos a problemas atuais como o de lidar, por exemplo, com o fenômeno da comunicação em redes sociais. No qual, podemos estar ligado ao mundo inteiro, reduzindo distancias em segundos, vias contatos virtuais. Contudo, esse avanço, não exime o mundo de ter que lidar como um fenômeno de grande proporção e de longas datas como o da desigualdade econômica que se mostra como um grande gerador de tantos males nacionais e internacionais.

De acordo com Godinho, são inúmeros os autores que se dedicam a compreender a pobreza e nisto ela questiona que tipo de fenômeno é esse?

Segundo o Relatório do Banco Mundial de 2000 a pobreza se caracteriza em três eixos: a) a falta de recursos e renda (assets) para atender necessidades básicas, incluindo educação e saúde; b) falta de voz e poder nas instituições estatais e na sociedade; e c) vulnerabilidade a choques adversos e exposição a riscos, combinados com uma incapacidade de enfrentá-los. (GODINHO, 2011, p. 2)

Verificando Aldaísa Sposat (1997, p. 13)

[...] o conceito de pobreza é relativo, refletindo os hábitos, valores e costumes de uma sociedade; entretanto, com a globalização, essa noção passa a aproximar-se de uma medida comum. Os indicadores utilizados para estimar o grau de pobreza de uma sociedade partem de medidas quantitativas comparativas, demarcando os estratos sociais que enfrentam os mais baixos padrões de vida.

Independente do lugar, a pobreza é em qualquer circunstancia entendida ou seja, vivida pela privação ou ausência de recursos que leve o ser humano a ter direito a condições básicas de acesso a saúde, educação, alimentação, segurança, moradia entre outros aspectos de caráter social. Para Godinho (2011, p. 3)



Este fenômeno é inerente a países ricos e pobres, grandes e pequenos, velhos e novos: com larga história nas suas relações legais, políticas, administrativas ou com pouca história de construções e normativas que trate essa situação como um problema nacional e de Estado. Ele se expressa de formas diferenciadas conforme a história de cada nação. O Brasil é uma nação nova, em todos os sentidos, inclusive na maturidade de suas políticas públicas enquanto ações e serviços que atendam o cidadão como tal enquanto como sujeito de direitos. As pesquisas do IPEA indicam que o grau de pobreza no Brasil é “significativamente superior a média dos países com renda per capita similar à nossa, sugerindo relevância de má distribuição dos recursos para explicar a intensidade da pobreza nacional”.(pg 127 – Barros, Henriques e Mendonça) Diante de uma conjuntura social fragilizada e com desigualdades que não possibilitam minimamente ao cidadão uma renda fixa mensal compatível com suas necessidades básicas de sobrevivência e de sua família, cabe às Políticas sociais conhecer e estabelecer mecanismos de enfrentamento das vulnerabilidades sociais as quais a população está sujeita.

3 ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DOS CLÁSSICOS DA SOCIOLOGIA.

Karl Marx, inventor da expressão "ideologia espontânea" como a marca específica da dominação social no capitalismo; Weber perceber no sujeito a fonte de todo sentido e moralidade, não dá conta, em toda sua dimensão, da extensão do horizonte valorativo, moral e simbólico presente nessas configurações institucionais exportadas do centro para a periferia como "artefatos prontos", segundo sua própria formulação;

Para Taylor, a prática não articulada que comanda nossa vida cotidiana implica a necessidade de articular uma hierarquia de valores escondida, que guia nosso comportamento, daí sua empreitada de nomear e reconstruir as fontes da nossa noção de *self*; Para Bourdieu o mesmo fato torna urgente uma "psicoanálise do espaço social".

Ainda fazendo uma análise nas contribuições dos clássicos da sociologia, Souza (2004, p. 94), dá uma ênfase a Gilberto Freyre como iniciador da ideologia explícita:

Segundo Freyre, a singularidade de nossa cultura é a propensão para o encontro cultural, para a síntese das diferenças, para a unidade na multiplicidade. É por isso que somos únicos e especiais no mundo. Devemos, portanto, ter orgulho e não vergonha de sermos “mestiços”; o tipo físico funcionaria como um referente de igualdade social e de um tipo peculiar de “democracia”. Uma maior afinidade com a doutrina corporativa que passa a imperar a partir de 1930, em substituição ao liberalismo anterior, é difícil de ser imaginada. Essa visão hoje faz parte de nossa identidade individual e coletiva. Todos nós “gostamos” de nos ver dessa forma; a ideologia adquire, assim, um aspecto emocional incompatível com uma ponderação mais racional, o que cria dificuldade para quem se propõe a problematizar essa



verdade tão agradável aos nossos ouvidos. O poder de influência desse imaginário coletivo é impressionante.

Sérgio Buarque (2004, p.94) torna-se o criador da auto-interpretação dominante dos brasileiros no século XX. Assim destaca-se para Souza destaca o entendimento de “homem cordial” que “é definido como o brasileiro de todas as classes, uma forma específica de ser gente humana, que tem sua vertente tanto intersubjetiva, na noção de personalismo, como institucional, na noção de patrimonialismo.” Contudo, socialmente nos dias atuais enxergamos o homem cordial como sendo exatamente aquele que está disposto a aceitar e compreender tudo o que lhe é proposto ou imposto de forma a não questionar. Desta forma, começamos a nos inquietar com essa condição que nos é ensinada através das gerações de que devemos ser a cima de tudo cordiais e compassivos diante das imposições sócio, culturais as quais estamos expostos desde o nascimento. Assim, o pobre será sempre pobre, da mesma forma que o mesmo será sempre rico. Pois assim estamos sentenciados por herança cultural e social.

4 POLÍTICAS SOCIAIS

E afinal para combater as desigualdades sociais e dentre elas a pobreza do que precisamos? Como acharemos solução para distribuir as riquezas? É nisto que se dá o fato da existir tanta desigualdade?

Colocamo-nos aqui na busca da compreensão de vivermos de forma tão desigual socialmente. Aprofundando os estudos comungamos com as colocações de Godinho quando diz: Porém devemos lembrar que “A política social não é só e nem prioritariamente política de combate à pobreza; não é o único instrumento de combate a pobreza e não deve ser dissociada de direitos sociais” (Delgado e Theodoro in Luciana Jaccoud – 2009 apud Godinho 2011, p.4).

Fazemos um largo aceite nas colocações de Godinho (2011p. 4) quando se coloca da seguinte forma:

No Brasil onde a desigualdade econômica e social são estruturais, é necessário e esperado que os sistemas de proteção social se organizem e se estruturam com propostas de enfrentamento a pobreza. No entanto, mudar as condições de pobreza e vulnerabilidades historicamente instituídas por que passa a sociedade brasileira não é algo simples, pequeno e imediato, isso é um processo complexo e



que agrega, ao mesmo tempo, aspectos econômicos, sociais e políticos, solicitando o planejamento e a integração de políticas estruturantes que a médio e longo prazo possam enfrentar esse quadro. Fazendo um paralelo a BOURDIEU (2007); realizar inferências na estrutura social, ou a respeito dos padrões de formação do habitus dos sujeitos e comunidades, requer que se reconstitua que se considerem elementos da história social das instituições e das relações presentes neste campo. O enfrentamento da pobreza começa com políticas integradas, com políticas de proteção social integradas às políticas econômicas, que assegurem as condições mínimas para o desenvolvimento. A proteção social se configura como porta de entrada para a promoção social, com a criação valorização do capital humano e a institucionalização das políticas sociais. Atualmente, a visão de que políticas e instituições voltadas para os grupos mais vulneráveis podem promover tanto eficiência quanto equidade toma corpo, com base em evidências de que investimento em necessidade básica humanas melhora a produtividade e o crescimento econômico e a qualidade de vida.

Fica cada vez mais claro que mediante o enfrentamento da pobreza com políticas sociais que devam estar integradas a políticas econômicas, além de políticas de saúde e de assistência social para se fazer frente a proteção social de forma sistemática e que vise realmente a proteção a vida, as necessidades básicas e a institucionalização real dessa proteção para uma melhor qualidade de vida e uma menor desigualdade em todos os sentidos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo buscamos fazer em Jessé Souza com as explicações que dá sobre as desigualdades sociais e como essas se originam, ou de certa forma porque são compreendidas cotidianas pela sociedade brasileira. No qual o autor apresenta uma ideologia explícita se articulando com uma ideologia espontânea das práticas institucionais não só da pré-modernidade, mas encontrada muito claramente na modernidade periférica e que causa desde sempre um processo de obscurecer as causas das desigualdades tanto para as vítimas como para os privilegiados desta. E que ainda nos torna cordial diante desse contexto.

Fortalecendo nosso estudo também encontramos explicações em Aldaíza Sposat, assim como em Isabel Cavalcante Godinho dentre outros autores. Pois, vimos à necessidade de compreender conceitos de pobreza e verificar entendimento sobre políticas sociais e como podemos unir esses conhecimentos de forma a reduzir nossos questionamentos.

Toda via com evidente relevância a necessidade de ampliar os conhecimentos sobre o assunto em questão para assim poder sintetizar de forma mais específica nosso entendimento



sobre as desigualdades do nosso País e até quem saber conseguir contribuir de alguma forma com propostas que venham a colaborar com essa situação que já se perdeu no tempo para ser resolvida aqui no Brasil, ou que pelo menos perca esse caráter de aceitação e conformismo.

Assim sendo, nos colocamos na inquietação de prosseguir com esta temática no sentido de formular hipóteses convincentes e produtivas para o estudo com aprofundamento.

REFERENCIAS

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ELIAS, Norbert; e SCOTSON, John. L.; **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade** - tradução Vera Ribeiro; Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

GARCIA, Giselle. **Relatório da OCD aponta causas da desigualdade no Brasil**. Agência Brasil EBC. 2015. Disponível em:

<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2015-05/relatorio-da-ocde-aponta-reducao-da-desigualdade-de-renda-no-brasil>> Acessado em 25/07/2016.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991 (Capítulo I).

GODINHO, Isabel Cavalcante. **Pobreza e desigualdade social no Brasil: um desafio para as Políticas Sociais**. Anais do I Circuito de debates acadêmicos. 2011. Disponível em



<<http://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area2/area2-artigo31.pdf>> Acessado em 01/08/2016.

KURZ, Robert. **A origem destrutiva do capitalismo: modernidade econômica encontra suas origens no armamentismo militar**. Folha de São Paulo. 30.3.1997, p.3 c.5.

Revista Evidência: **olhares e pesquisa em saberes educacionais** - Centro Universitário do Planalto de Araxá, Instituto Superior de Educação. vol.6, n. 6, (2010) - Araxá, MG: Fundação Cultural de Araxá, 2010.

SINGER, Paul. **A precarização é causa do desemprego**. Folha de São Paulo, 10.12.1995, p.2, c.2

SINGLY, François de. **Sociologia da família contemporânea**. Tradução Clarice Erles Peixoto. Rio de Janeiro. Editora FGV. 2007.

SOUZA, Jessé. **A construção Social da subcidadania: Para uma sociologia política da modernidade periférica**. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2006.

SOUZA, Jessé. **A gramática social da desigualdade brasileira**. Revista Brasileira de Ciências Sociais – Vol. 19 Nº 54/2004.

SOUZA, Jessé. **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Organizador. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SOUZA, Jessé. **A Ralé Brasileira – Quem é e como Vive** - Belo Horizonte: Editora UFMG – 2009.

SPOSATI, Aldaíza. **Concepção e gestão da proteção social não contributiva no Brasil**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, UNESCO, 2009.

Disponível em <

http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Livros/concepcao_gestao_protocaosocial.pdf> Acessado em: 29/07/2016.